

Sobre os recentes desenvolvimentos na Ucrânia



Por **DAVID HARVEY***

O que acontece na Ucrânia é, em muitos aspectos, o resultado dos vários processos envolvidos na dissolução do chamado “comunismo real” e do regime soviético

A eclosão de uma guerra total após a invasão russa da Ucrânia marca um ponto de inflexão dramático na ordem mundial. E como tal, não deve ser ignorado pelos geógrafos reunidos hoje (ainda, infelizmente, através do Zoom) em nossa reunião anual. Portanto, proponho as seguintes observações não-especialistas como base para discussão.

Há um mito de que a paz reina no mundo desde 1945 e que a ordem mundial que emergiu da hegemonia estadunidense serviu, em grande medida, para conter os impulsos bélicos entre os Estados capitalistas que historicamente competiram entre si. Entende-se que a competição entre os Estados europeus que causaram as duas guerras mundiais foi geralmente contida e que a Alemanha Ocidental e o Japão foram pacificamente reincorporados no sistema mundial capitalista, em parte também para combater a ameaça do comunismo soviético.

Assim, a fim de mitigar a concorrência, foram criadas na Europa instituições colaborativas como o mercado comum, a União Europeia, a OTAN e o euro. Sabemos, no entanto, que desde 1945 houve múltiplas guerras “quentes”, tanto civis como entre Estados, começando com as guerras da Coreia e do Vietnã e continuando com os conflitos na Iugoslávia e o bombardeio da Sérvia pela OTAN, as duas guerras contra o Iraque (uma das quais foi justificada pelas mentiras gritantes dos Estados Unidos sobre a posse de armas de destruição em massa no Iraque), ou as guerras no Iêmen, Líbia e Síria.

Até 1991, a ordem mundial era mais ou menos constantemente colocada contra o pano de fundo da Guerra Fria. Era uma estrutura que as empresas estadunidenses muitas vezes exploravam a seu favor, constituindo o que Eisenhower definiu na época como o “complexo industrial militar”. O cultivo do medo, tanto fictício quanto real, dos soviéticos e do comunismo foi um elemento-chave desta política.

E suas consequências econômicas foram ondas recorrentes de inovação tecnológica e organizacional em termos de armamentos e infraestrutura militar. É verdade que estas tecnologias foram, em grande medida, também benéficas para a esfera civil, como no caso da aviação, o desenvolvimento da Internet ou da energia nuclear, e contribuíram muito para sustentar uma infinita acumulação de capital e a centralização do poder capitalista em relação a um mercado cada vez mais cativo.

Além disso, em tempos de dificuldades econômicas, o recurso ao “keynesianismo militar” tornou-se um desvio recorrente da ortodoxia neoliberal que desde os anos 1970 começou a ser administrada às populações, mesmo dos países capitalistas avançados. Ronald Reagan recorreu ao keynesianismo militar para orquestrar uma nova corrida armamentista contra a União Soviética nos anos 80 que ajudou a pôr fim à Guerra Fria, ao mesmo tempo em que distorcia as economias dos dois países.

Antes de Reagan, a taxa máxima de impostos nos EUA nunca estava abaixo de 70%, enquanto que depois de Reagan a taxa nunca ultrapassou 40%, limitando-se à persistente alegação de que os altos impostos asfixiam o crescimento econômico. A crescente militarização da economia dos Estados Unidos depois de 1945 foi acompanhada por uma maior desigualdade econômica e pela formação de uma oligarquia dominante tanto nos Estados Unidos quanto em outros lugares, incluindo a Rússia.

A dificuldade enfrentada pelas elites políticas ocidentais em situações como a atual na Ucrânia é que crises urgentes e problemas de curto prazo não podem ser resolvidos de forma a acentuar as próprias raízes subjacentes aos conflitos. É verdade que, mesmo sabendo que as pessoas inseguras muitas vezes reagem com violência, não podemos confrontar alguém que vem com uma faca simplesmente usando palavras calmantes para acalmar suas inseguranças.

Mesmo assim, é preferível tentar desarmar o atacante sem, por sua vez, fomentar essas inseguranças. Nosso objetivo hoje deve ser, portanto, lançar as bases para uma ordem mundial pacífica, colaborativa e desmilitarizada, enquanto limita urgentemente o terror, a destruição e a perda irresponsável de vidas que esta invasão trará.

O que estamos testemunhando na Ucrânia é, em muitos aspectos, o resultado dos vários processos envolvidos na dissolução do chamado “comunismo real” e do regime soviético. Com o fim da Guerra Fria vieram promessas ao povo russo de um futuro brilhante no qual os benefícios do dinamismo capitalista e de uma economia liberalizada se derramariam sobre todos os setores da sociedade. A realidade, no entanto, era diferente. O sociólogo Boris Kagarlitsky disse, no final da Guerra Fria, que os russos pensavam que estavam embarcando num avião para Paris, mas no meio do vôo lhes foi dito: “Bem-vindos a Burkina Faso”.

Depois de 1991, ao contrário do Japão e da Alemanha Ocidental em 1945, não houve nenhuma tentativa de trazer o povo e a economia russa para o sistema global. Seguindo as orientações do FMI e dos principais economistas ocidentais (como Jeffrey Sachs), a doutrina do choque neoliberal foi adotada como a fórmula mágica para a transição. E quando isto falhou miseravelmente, as elites ocidentais recorreram ao velho discurso neoliberal de culpar as vítimas, responsabilizando o povo russo por não ter sido capaz de desenvolver adequadamente seu capital humano e dismantelar os muitos impedimentos endêmicos ao empreendedorismo individual (culpando tacitamente a própria Rússia pela rápida ascensão dos oligarcas). Internamente, os resultados na Rússia foram desastrosos.

O PIB despencou, o rublo deixou de ser uma moeda viável (o dinheiro até foi medido em garrafas de vodka), a expectativa de vida despencou, a posição social das mulheres piorou, as instituições governamentais e o Estado social soviético entrou em colapso. Também consolidou uma política mafiosa liderada pelo novo poder oligárquico cuja rubrica era a crise da dívida de 1998, da qual, dizia-se, a única saída era mendigar migalhas da mesa dos ricos e submeter-se à ditadura econômica do FMI. Com exceção dos oligarcas, a humilhação econômica do povo russo foi total. Para limitar tudo isso, a União Soviética desmembrou-se em repúblicas independentes constituídas de cima para baixo, sem muito envolvimento popular.

Dentro de dois ou três anos, a Rússia sofreu uma redução dramática na população e na economia, bem como uma destruição de sua base industrial que, em termos proporcionais, foi ainda maior do que aquela sofrida nas antigas regiões industriais dos Estados Unidos durante os quarenta anos anteriores. Estamos bem conscientes das consequências sociais, políticas e econômicas da desindustrialização da Pensilvânia, Ohio e do meio-oeste americano, desde a atual epidemia de opioides até o surgimento de ondas políticas reacionárias, como o apoio ao supremacismo branco ou o fenômeno Donald Trump. Mas enquanto o Ocidente se baseava em um suposto “fim da história” imposto pelos capitalistas, o impacto da terapia de choque na vida política, cultural e econômica russa era muito mais dramático.

Depois há a questão da OTAN. Originalmente concebida em termos de defesa e colaboração interestatal, logo se tornou uma organização pró-guerra dedicada a conter a disseminação do comunismo e impedir a competição entre os estados da Europa Ocidental de entrar no reino militar. Em geral, é verdade que ajudou a mitigar a concorrência interna na Europa, embora a Grécia e a Turquia nunca tenham sido capazes de resolver suas diferenças sobre o Chipre. Mas na prática, a União Europeia foi muito mais útil do que a OTAN e, após o colapso da União Soviética, seu principal objetivo se desvaneceu.

A perspectiva da população estadunidense se beneficiar de um “dividendo de paz” resultante de cortes profundos nos gastos de defesa surgiu como uma ameaça real ao complexo industrial militar. Talvez por esta razão, o intervencionismo da OTAN (que sempre esteve presente) se tornou mais evidente durante os anos Clinton, em grande parte quebrando as promessas verbais feitas a Gorbachev nos primeiros dias da perestroika. Um exemplo claro disto foi o bombardeio da OTAN liderado pelos EUA em Belgrado em 1999, onde até mesmo a embaixada chinesa foi atingida (embora intencionalmente ou acidentalmente permaneça pouco clara).

Tanto o bombardeio da Sérvia quanto outras intervenções nas quais os EUA violaram a soberania dos Estados-nação mais

fracos são evocados por Putin como precedentes para suas ações. A expansão da OTAN até a fronteira da Rússia, numa época em que não havia ameaça militar, foi mesmo discutida por Donald Trump, que chegou ao ponto de questionar a própria existência da organização atlântica. Mesmo o comentarista conservador Thomas Friedman chegou ao ponto de culpar os EUA em uma recente coluna no *New York Times* pelos últimos desenvolvimentos, dada a abordagem agressiva e provocadora em relação à Rússia.

Durante os anos 1990, parecia que a OTAN era uma aliança militar em busca de um inimigo. Agora Putin satisfaz este desejo após ter sido suficientemente provocado e seu ressentimento está em parte enraizado nas humilhações econômicas do Ocidente e na arrogância desdenhosa em relação à Rússia e seu lugar na ordem mundial. As elites políticas americanas e ocidentais deveriam ter percebido que a humilhação é uma ferramenta desastrosa quando se trata de política externa, cujos efeitos são muitas vezes duradouros e catastróficos.

A humilhação da Alemanha em Versalhes desempenhou um papel crucial na escalada que precedeu a Segunda Guerra Mundial. As elites políticas evitaram repetir o mesmo erro com a Alemanha Ocidental e o Japão após 1945 através do Plano Marshall, mas voltaram à estratégia catastrófica de humilhar a Rússia (tanto explícita como implicitamente) após o fim da Guerra Fria. A Rússia precisava e merecia um Plano Marshall, mas recebeu as lições paternalistas da bondade do neoliberalismo que caracterizou os anos 1990.

Também o século e meio de humilhação imperialista ocidental da China, que pode ser traçado desde as ocupações japonesas dos anos 30 e o infame Massacre de Nanjing, está desempenhando um papel central na geopolítica contemporânea. A lição é simples: se você quer humilhar, faça-o por sua conta e risco, porque os humilhados podem se revoltar e, por que não, morder de volta.

Nada disso justifica as ações de Vladimir Putin, mais de quarenta anos de desindustrialização e punição neoliberal dos trabalhadores não justifica as ações ou posições de Donald Trump. Mas o ataque de Putin à Ucrânia não justifica a ressurreição de instituições belicistas como a OTAN, que tanto fizeram para criar o problema. Assim como a competição entre Estados europeus teve que ser desmilitarizada depois de 1945, hoje devemos procurar frear as corridas de armas entre blocos e fomentar instituições fortes de colaboração e cooperação. Submeter-se às leis coercitivas da concorrência, tanto entre empresas capitalistas quanto entre blocos de poder geopolítico, é uma receita para mais desastres, mesmo que o grande capital continue a ver esta escalada, infelizmente, como uma nova avenida para a infinita acumulação de capital no futuro.

O perigo em um momento como este é que o menor erro de julgamento de qualquer dos lados poderia facilmente levar a uma escalada em um grande confronto entre potências nucleares, no qual a Rússia consegue fazer frente à superioridade militar até então esmagadora dos EUA. O mundo unipolar no qual as elites americanas viveram durante os anos 1990 já foi substituído por um mundo bipolar, mas muito mais ainda está mudando.

Em 15 de fevereiro de 2003, milhões de pessoas ao redor do mundo saíram às ruas para protestar contra a ameaça de guerra, no que até o *The New York Times* reconheceu como uma expressão marcante da opinião pública mundial. Infelizmente, os protestos fracassaram e o que se seguiu foram duas décadas de guerras destrutivas e ruins em muitas partes do mundo. É claro que o povo da Ucrânia não quer guerra, nem os russos e europeus querem guerra, nem os povos da América do Norte querem outra guerra. O movimento popular pela paz precisa ser reavivado e reafirmado. Os povos do mundo devem afirmar seu direito de participar da criação de uma nova ordem mundial baseada na paz, cooperação e colaboração, em vez de competição, coerção, conflito e ressentimento.

Discurso na reunião anual da Associação de Geógrafos Americanos, 27 de fevereiro de 2022.

***David Harvey** é professor na City University of New York. Autor, entre outros livros, de *O novo imperialismo* (Loyola). [<https://amzn.to/4bppjv1>]

Publicado originalmente no [Focaalblog](#).